

ROSANNA LEY

REGRESSO A MANDALAY

Tradução de Gabriela Pilkington

Capítulo 1

– Eva, pode vir aqui ao meu gabinete? – A voz de Jacqui Dryden soava, como de costume, fria e ligeiramente irritada.

Eva estava debruçada sobre um toucador da época vitoriana, a reparar o mecanismo de abertura de uma gaveta minúscula do móvel. Endireitou-se. Ai. Esfregou as costas com a palma da mão. Aquele era um trabalho delicado e ela perdera a noção de quanto tempo ficara naquela posição.

– Sim – respondeu. Tocou ao de leve no tampo do toucador de noqueira com a ponta dos dedos, como que a prometer um rápido regresso.

Jacqui Dryden estava de pé, a olhar para a rua lá em baixo pela enorme janela saliente. Era uma tarde de quinta-feira de fins de outubro e o centro de Bristol mostrava-se tão atarefado como sempre. A Bristol Antiques Emporium estava bem localizada, numa rua lateral onde as rendas eram mais baixas, mas onde havia lojas suficientemente interessantes para atrair os transeuntes. As antiguidades estavam na moda, o negócio corria bem, e a chefe de Eva deveria estar feliz. Contudo, a expressão dela demonstrava tudo menos isso. A maquilhagem estava impecável, como habitualmente, mas havia um desespero nos seus olhos azuis que Eva nunca tinha visto. Teria alguma coisa a ver com a troca de palavras em voz alta vinda do gabinete dela que Eva ouvira nessa manhã?

– Entre. – Jacqui virou-se para ela; a expressão de desespero desapareceu e Eva sentiu-se encolher sob o seu olhar atento. A sua chefe tinha esse dom. Tinha pouco mais de um metro e meio de altura, era loira, de formas perfeitas e, quando estava perto dela, Eva sentia-se embaraçada, desastrada, demasiado alta. Não estava habituada a sentir-se assim. Sacudiu o serrim das calças de ganga. As mãos também estavam empoeiradas e deu conta

de que tinha uma farpa num polegar. Cortava as unhas rentes por causa da natureza da sua profissão e, no trabalho, usava calças de ganga, uma *T-shirt* e umas sapatilhas *All Star* velhas, apanhando o cabelo escuro e rebelde num rabo de cavalo para não atrapalhar. Conseguia imaginar como Jacqui a considerava quando a observava; via bem o que ela estava a pensar. Não estava propriamente atraente. Mas isto era trabalho e Eva sentia prazer em dedicar-se totalmente ao que fazia.

Jacqui não a convidou a sentar-se, nem sequer lhe ofereceu um sorriso. Várias vezes durante os últimos meses, Eva tinha tido vontade de bater na carapaça da sua chefe para tentar abrir uma fenda e espreitar lá para dentro. Mas não tinha arriscado fazê-lo – pelo menos, por enquanto.

– Preciso que vá ao estrangeiro numa missão – disse Jacqui sem rodeios.

– Estrangeiro? – repetiu Eva. Isto era novidade. – Que tipo de missão?

Trabalhava na Emporium fazia agora seis meses. O emprego tinha-a atraído porque a empresa negociava sobretudo em antiguidades da Ásia. Graças ao avô, em criança tinha-se apaixonado por madeira e por História; estavam-lhe no sangue. Tinha saído de casa, no Dorset, aos 19 anos – do lar que se havia desmoronado depois da morte do pai, quando Eva tinha apenas 6 anos – e ido para a universidade em Bristol estudar Restauração de Móveis Antigos e Artes Decorativas. Especialização: Artefactos Orientais. O que se devera também ao avô. Isso tinha sido há dezasseis anos. Mas havia ainda muito mais para lhe agradecer, achava Eva.

Jacqui não respondeu à pergunta. Leon, o seu companheiro – nos negócios e na vida –, também não tinha respondido às suas perguntas nessa manhã, no gabinete dela. «Porque te importas com isso? Conta-me o que se passa», exigira Jacqui, «senão, sai já daqui». Mas Leon não tinha saído e, por isso, saíra ela. Saíra disparada do gabinete com a sua saia travada e sapatos de salto alto, passando resvés por Eva, que estava ocupada a restaurar a bainha de uma espada japonesa e a fazer de conta que não tinha ouvido nada do que fora dito.

– Como sabe – dizia agora Jacqui a Eva –, neste momento, as nossas peças orientais estão a vender muito bem.

– Sim. – Claro que ela sabia. A empresa estava a expandir-se para essa área de negócio e talvez em breve os toucadores vitorianos em nogueira se tornassem uma coisa do passado, por assim dizer. Muitos países estavam

a abrir as suas fronteiras como nunca e os do Extremo Oriente estavam em posição de tirar proveito do crescente interesse internacional no mobiliário asiático da era colonial, um legado de tempos idos, e nos seus artefactos religiosos e culturais. Como os budas em pedra antigos, por exemplo – e tinham passado bastantes pelas mãos deles na Emporium –, que apareciam com frequência tão estranhamente desgastados que ela não tinha dúvidas de que muitos deles tinham sido encomendados a algum pedreiro local. A Bristol Antiques Emporium não tinha perdido tempo e estabelecera parcerias lucrativas com os negociantes orientais que estavam na disposição de vender.

– Mas há alguns problemas. – Jacqui prendeu uma madeixa do seu bonito cabelo loiro que ousara escapar ao puxo estilo anos 50 que ela gostava de usar. – Para começar, há demasiadas peças a chegar muito danificadas.

– O que podia muito bem ser evitado – concordou Eva.

Ela era a pessoa que habitualmente tinha de as reparar. Entrara para a Emporium com a esperança de fazer uso dos conhecimentos que tinha adquirido durante o curso. Até que enfim, pensara. Tinham passado treze anos desde que se licenciara, mas nenhum dos seus empregos satisfizera as suas expectativas. Tinha trabalhado numa loja de móveis em segunda mão, para um homem que era especialista em tocar à porta de velhinhas com o único propósito de lhes comprar a mobília antiga de família pelo preço mais baixo possível, até que Eva sentiu que o sorriso presunçoso dele lhe estava a destruir a alma. Tinha trabalhado na loja de um museu, onde conhecera a sua amiga Leanne. E tinha passado mais de um ano a trabalhar como costureira num negócio de aluguer de vestidos de noiva antigos. Estava na altura – esperara ela – de a sua carreira avançar na direção que ela pretendia.

Mas, na realidade, a Emporium tinha-se revelado outra desilusão. A maior parte do seu tempo era passado a fazer restauros sem interesse, a limpar, a desembalar e, frequentemente, também a lidar com clientes. A Bristol Antiques Emporium até podia ser uma sociedade lucrativa, mas tinha pessoal a menos. Para além de Jacqui e Leon, havia apenas Lydia, que trabalhava em *part-time* na sala de exposição do antiquário, no andar de cima. E Eva, que fazia praticamente tudo o resto.

– Sim, se conseguirmos encontrar uma maneira de o evitar. – Jacqui franziu o sobrolho.

– Os nossos contactos lá não podem verificar os caixotes antes do embarque? – perguntou Eva calmamente. Muitos dos países com quem trabalhavam embalavam muito mal as peças: muitas vezes, só com tiras de jornal. Pareciam não ter consciência da vulnerabilidade de algumas das peças mais frágeis.

– E... – Jacqui rejeitou a sugestão com um aceno da sua mão bem cuidada. – O nosso contacto lá deparou-se com algumas peças invulgares que talvez nos interessem.

– Peças invulgares? – O interesse de Eva aumentou.

– Estatuetas, móveis em madeira, século XVIII e XIX, alguns mais antigos ainda. Raros, originais, precisamente o tipo de coisas que nós procuramos. – Os seus olhos brilharam de entusiasmo por um segundo. – Mas... – Hesitou. – Eu não confio totalmente no nosso contacto. – Olhou de relance para Eva, como se estivesse a avaliar a reação dela.

Eva encolheu os ombros. Não precisava de perguntar porquê. Em primeiro lugar, seis meses a trabalhar para Jacqui Dryden tinham-lhe ensinado que a sua chefe raramente confiava em alguém, talvez nem mesmo em Leon, pensando bem. E, em segundo lugar, estava bem ciente de que muitas das pessoas com quem eles trabalhavam no Extremo Oriente tinham poucos escrúpulos. Porque haveriam elas de ser leais para com os negociantes estrangeiros? Porque não deveriam antes de mais cuidar dos interesses das suas próprias famílias, dos seus próprios países, quando muitos deles tinham vivido na pobreza durante tanto tempo?

– A proveniência das peças parece bastante plausível – disse Jacqui. – Mas precisam de ser autenticadas.

– Ah, estou a ver.

Eva sentiu-se impaciente. Esta era a razão por que tinha aceitado este emprego. Autenticar, restaurar, reviver na prática a História. E viajar, também. Essa era uma vantagem adicional e inesperada. Depois do mês por que tinha passado, era precisamente daquilo que ela precisava.

– A Eva sente-se à vontade em relação a isto, não?

– Claro. – Era para isso que ela tinha estudado. E esta viagem dar-lhe-ia a oportunidade de demonstrar as suas capacidades.

Jacqui franziu o sobrolho, uma vez mais.

– Tem alguma objeção em viajar sozinha?

– Absolutamente nenhuma. – Eva preferia trabalhar sozinha. Além

disso, seria uma aventura. – Suponho que também pretende que eu fale com o nosso contacto lá?

– Sim. – Jacqui lançou-lhe um olhar impenetrável. – A Eva vai ter de consolidar a nossa relação com ele. – Parecia estar a escolher as palavras de forma cuidadosa. – Mas vai ser necessária uma abordagem delicada.

– Compreendo.

– E, enquanto lá estiver, talvez possa fazer umas pesquisas. – Jacqui falava ainda cautelosamente, como se não estivesse segura de quanto podia revelar.

– Umas pesquisas? – Eva queria clarificar. Rodou o anel que usava no dedo mindinho. Era um conjunto de diamantes em forma de margarida, encrustados em ouro, um presente do avô pelo seu vigésimo primeiro aniversário, que ela usava todos os dias, quer trabalhasse quer não.

– Explorar outros caminhos. Ir a alguns mercados de antiguidades, falar com comerciantes, fazer novos contactos, quem sabe. Procurar mais peças que nos possam interessar.

Meu Deus. A excitação voltou a dominá-la. Eva tentou esconder a sua surpresa. Com tanta coisa em jogo, porque não ia a própria Jacqui?

Estaria ela a tentar livrar-se de Eva? Ela tinha ouvido apenas uma discussão, e por acaso – embora pudesse ter sido demasiado humilhante para alguém como Jacqui. A sua chefe era bastante suscetível; talvez estivesse ainda mais nesse dia do que habitualmente.

– Eu vou ter muito que fazer aqui. – Jacqui afastou-se da janela, foi até à enorme secretária em mogno com o tampo em couro, que dominava o gabinete, e empurrou uma pilha de papéis para o lado, como para demonstrar o quanto tinha para fazer. – Há encomendas importantes a chegar. – Pareceu perder-se novamente nos seus pensamentos. Mas, logo de seguida, recompôs-se. – Não posso de maneira nenhuma ausentar-me neste momento.

Leon, pensou Eva. Essa era a verdadeira razão.

– Eles não vão esperar eternamente. E não há dúvida de que vai haver outras pessoas interessadas. Por isso, não há outra solução. – Jacqui soltou um suspiro. – Vai ter de ir a Eva. Não há mais ninguém.

Que grande elogio. Eva ergueu uma sobrancelha.

– E para onde é que eu vou exatamente?

– Oh. – Jacqui pegou numa folha de papel que estava em cima da secretária. – Eu não lhe disse? A partida é na próxima semana, se conseguirmos

resolver a questão do visto até lá. Eu vou marcar o voo e depois digo-lhe os horários exatos. Traga o seu passaporte amanhã de manhã. Vou pedir a uma agência para a irem buscar ao aeroporto e para reservarem o hotel. Hum... – Com a ponta do dedo indicador, traçou um percurso no papel. – Rangum, Bagan e Mandalay – informou ela. – São estes os sítios onde tem de ir. Dez dias devem chegar. Vai ter de apanhar alguns voos internos. Eu dar-lhe-ei todos os detalhes antes de partir, claro.

Eva ficou a olhar espantada para ela. Não ousara sequer imaginar tal...
– Birmânia? – sussurrou.

O seu coração martelava uma velha melodia, bem conhecida, a melodia ritmada com que ela tinha crescido e que se tornara parte dela. Ia visitar a Birmânia. Tinha ouvido falar tanto daquele país. E agora ia senti-lo e apreendê-lo ela mesma. Apetecia-lhe abrir a janela e gritar às pessoas na rua lá em baixo. Havia um sorriso de puro prazer a formar-se dentro de si e ela queria libertá-lo.

– Sim. Mas hoje em dia chama-se Myanmar, sabe disso?

– Eu sei. – O sorriso emergiu por fim e Eva dirigiu-o a Jacqui. Que importava que Jacqui parecesse às vezes não gostar dela, ou que se sentisse ameaçada por ela, ou fosse o que fosse? Que importava isso, quando era evidente que a sua chefe confiava suficientemente nela para lhe dar esta oportunidade? Que importava isso, agora que ela ia à Birmânia? Fechou os olhos e viu as cores do país tremeluzirem. Azul e dourado...

Não havia muito que não soubesse sobre a Birmânia, pensou. O avô passara lá os primeiros anos da sua idade adulta. Tinha trabalhado na indústria madeireira e lutado contra os japoneses. A vida dele na Birmânia tinha-os afetado a todos de maneiras diferentes. E as histórias que ele lhe contara quando ela era ainda uma criança tinham ficado registadas no seu coração.

– Então, aceita ir? – perguntou-lhe Jacqui, dando ares, contudo, de não aceitar um não como resposta. – Imprimi fotografias de algumas das peças que vai analisar, porque é mais fácil ter um papel à mão. Está tudo aqui.

– Claro que sim! – respondeu Eva. Sempre soube que um dia visitaria a Birmânia. Como podia não aceitar? Nos seus vinte anos, e começo dos trinta, as férias haviam sido sempre curtas, normalmente visitas a cidades na Europa que lhe davam a possibilidade de explorar as feiras de antiguidades e os edifícios históricos. E, no ano anterior à sua ida para a universidade, que lhe parecia agora tão distante, ela até tinha ido à Tailândia

com Jess, a sua amiga da faculdade. A visita à Birmânia era uma viagem demasiado cara para as suas posses, mas, mais do que isso, durante muito tempo o país tinha sido uma zona interdita por motivos políticos. Eva lera sobre a agitação entre as tribos das montanhas, o governo repressivo, e a prisão domiciliária de Aung San Suu Kyi, a mulher que todos adoravam e que sacrificara a sua vida pessoal para lutar pela democracia para o seu povo. Eva sabia das sanções e que, embora os turistas se tivessem tornado bem-vindos em Myanmar, o dinheiro proveniente do turismo ia parar normalmente aos bolsos do governo militar. E ela achava que visitar o país significava apoiá-los.

Mas as coisas eram diferentes, agora. Aung San Suu Kyi tinha sido libertada, o clima político estava a mudar e... o sonho de criança de Eva estava prestes a realizar-se.

Não seria melhor beliscar-se para ter a certeza de que não estava outra vez a sonhar? Aproximou-se da secretária. A imagem de um buda sentado, feito provavelmente em teca dourada, fitou-a serenamente. Século XIX, estimou ela pela fotografia não muito nítida. Observou-a de perto, procurando sinais reveladores de desgaste na camada de ouro, mas ia ter de avaliar o estado da peça mais minuciosamente quando estivesse lá. Havia outras figuras, que ela reconhecia, pois tinha-as estudado também, algumas esculpidas e pintadas, outras douradas e embutidas, algumas muito antigas, do século XVII. Um anjo delicadamente talhado, um monge sentado numa flor de lótus, guardiões espirituais e *nats*¹. Uma fotografia apresentava o que parecia ser uma arca em teca talhada com elementos religiosos, podia ver também um berço antigo em madeira e um par de portas ricamente decoradas – muito provavelmente, portas de um templo antigo, apercebeu-se ela com entusiasmo.

Eva ergueu os olhos para o lado oposto da secretária e encontrou o olhar de Jacqui. Sem dúvida que ela tinha mais informações sobre estes artefactos e passá-las-ia todas a Eva para que ela as estudasse antes de partir. Mas a sua chefe tinha razão. Só pelas fotografias, ela podia ver que havia algumas peças extraordinárias. E estava a ser-lhe dada a oportunidade de

¹ *Nats* – Espíritos já venerados pelos Birmaneses anteriormente ao advento do Budismo. Oficialmente são reconhecidos 37 *Nats*, tendo cada um deles uma história e imagem próprias. (*N. do E.*)

as ver, de as examinar de perto, de as autenticar e de as trazer para o Reino Unido.

– Obrigada, Jacqui – disse ela.

A chefe lançou-lhe um olhar perplexo.

– Por ter confiança em mim. Não a vou deixar ficar mal.

E saiu do gabinete, regressando lentamente para o toucador vitoriano, com o pensamento já a meio caminho da Birmânia. Ainda não conseguia acreditar. Estaria a Birmânia à altura das suas expectativas? Preencheria as lacunas na história do avô? E o que diria o avô quando ela lhe dissesse? A Birmânia tinha mudado a vida dele. Eva não conseguiu evitar pensar se lhe iria acontecer o mesmo.